



DIRECTOR
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

DE SANTA

O SECULO

... RITA ...

SENHOR VENTURA, o toleirão...

Por LEONOR DE CAMPOS
Desenhos de A. CASTANÊ

O Senhor Ventura é um vaidoso que nunca perde a ocasião de se mostrar importante. E' um dos tais de quem dizem os pretos «*Só que fare*» de gente grande...

Mas neste verão, para seu castigo, succedeu-lhe uma, que ao menos vaidoso faria córar de vergonha. Quanto mais a ele, ao senhor Ventura...

Querem saber?

Eu conto:

O senhor Ventura andava cheio de calor. O termómetro em Lisboa marcava muitos, muitos graus à sombra. E ao sol... nem é bom falar nisso!...

Resolveu ele, portanto, ir para uma praia... Meteu-se no combóio e, pelo caminho, já se sentia mais fresco só de pensar nos ricos banhistas que iria tomar daí a pouco tempo.

Apenas chegou, instalou-se numa pensão.

Mas o cheiro da maresia era tão pronunciado e — como direi — tão... convidativo, que o senhor Ventura não pôde resistir mais tempo. A-pesar da hora tardia — quasi sol posto — decidiu começar logo com os banhos. Foi falar a um banheiro, alugou uma barraca, despiu-se rapidamente e encaminhou-se para o mar. Mas retrocedeu, pensando:

— Não! Vou saltar da prancha. E' muito mais

chic. Demais, como a esta hora já não há ninguém a tomar banho, vou fazer um *vistão!*...

Ao chegar à prancha, sofreu, porém, uma desilusão. Não era ele o único banhista. Outro o precedera... Depois do primeiro momento de arrelia

leve, contudo, uma inspiração:

— «Alto! Eu não conheço a praia — murmurou para consigo. — Portanto será bom não me arriscar muito! Na extremidade da prancha pôde o mar ser muito lundo e haver correntes perigosas. O mais conveniente, pois, será tirar informações...»

Parou a meio da prancha e chamou em alta voz:

— «Pcht! O cavalheiro, faz-me um favor?»

O outro, um velhote careca, que, pelo visto, estava regaladíssimo, interrogou:

— «Que deseja?»

— «Isto aqui é sufficientemente lundo para que eu possa mostrar, a quem me vê, como se

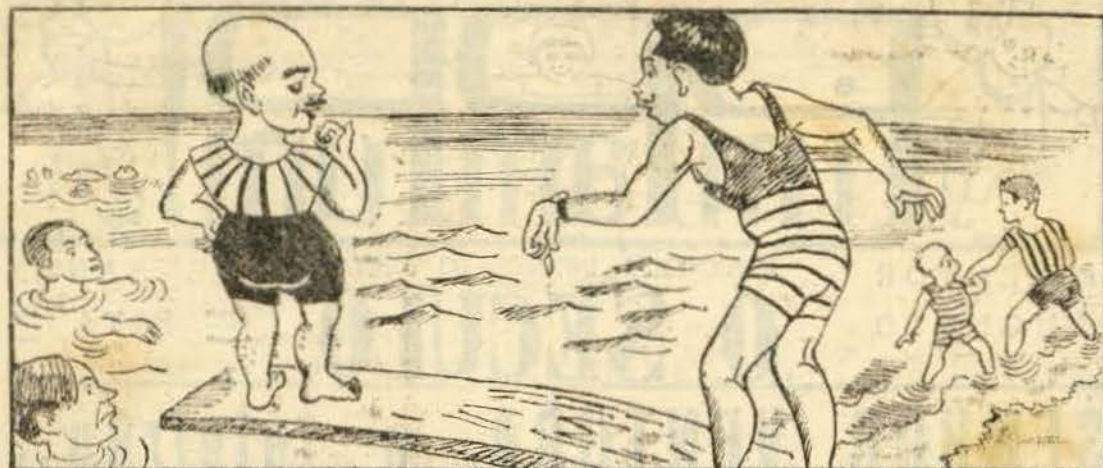
forma, com elegância, o célebre salto de peixe?»

Um pouco encoltrado pelos ares importantes e a frase ultra-pateta do senhor Ventura, o velhote respondeu, mal humorado:

— «Sei lá!... Nem bom peixe, em qualquer porção de água, dá belos saltos...»

— «O cavalheiro está enganado!... Eu não lhe peço concelhos, peço-lhe apenas uma informação...»





Desejava saber se este ponto é bastante fundo, E' ou não?

—«Julgo que sim, senhor conselheiro!...»

Olhe! Cá a mim dá-me pelo pescoço!... E não sou muito alto, não!...»

—«Obrigado!...» — agradeceu Ventura, sempre com ares superiores.

Olhou disfarçadamente para a praia e notou, com prazer, que todas as pessoas, que ainda ali se conservavam, o olhavam com curiosidade.

—«Estão a admirar a minha elegância!...» — pensou o palerma do senhor Ventura.

Tossiu, esfregou as mãos, fez um passes ginásticos e, de repente... zás!... formou o célebre salto de peixe!...

Mas... oh Deus dos humildes!...

Apenas caído na água, levantou-se, rapidamente, a gritar, com as mãos na cabeça. Afinal a água nem sequer lhe chegava à cinta!...

Furioso, o senhor Ventura, dirigiu-se ao velhote que o informara:

«Seu intrujão!... Seu malcriadão!... Seu patifão!... Vais já pagar-mas!... Com que então a água chegava-lhe ao pescoço?!...»

E o velhote a correr, a nadar, foi-se escapando para a praia, gritando apenas:

«Efectivamente!... Efectivamente!...»

«Só nesse momento, o senhor Ventura reparou na situação ridícula em que caíra.

E' que, meus queridos amiguinhos, o velhote careca era um anão!...

Estão a ver que, logo no dia seguinte, o combóio levava para a capital certo banhista que regressava com um galo na cabeça a mais e, talvez, um pouco de toleima a menos...

Os vaidosos, os enfatuados com a maior facilidade criam situações que, para sempre, os ridicularizam!...



Meninos: — Atenção!...

O lindo livro «**PRESENTE de NATAL**» que Editorial-Século acaba de pôr à venda e de que são autores Graciette Branco e Augusto de Santa-Rita, é constituído por 22 lindos contos em prosa e verso com os seguintes títulos:

— A boa estrela—Carta da Praia—A nossa Pátria—Teimosia castigada—O menino gabarola—O Farel—Luíza—O Terror do passarinho—Hospitalidade—Uma menina feia—A resposta da Lili—Piedosa mentira—A garralada—Alma delicada—Os ninhos—O Estudo—A carta anónima—A bolhinha vermelha—Os nossos vizinhos—A raposa e o cordeirinho—A Natureza e Oração.

— SÃO 104 PAGINAS, 40 ILUSTRAÇÕES E CUSTA, APENAS, 5 Escudos

Chuva de Estrelas

Por MILAU, Desenhos de Adolfo Castañé

Bébé está atrapalhado...
Teve medo de morrer,
Vendo estrelas a correr,
Todas, todas para um lado.

De mãos postas, a tremer,
A mamã estava assustada.
E o papá pôs-se a dizer:
— «Não é nada, não é nada!»

Só de lembrar-se, o Bébé
Ainda treme de medo.
Passa horas, mudo e quêdo,
A pensar: — «Mas como é
Que elas marcham pelo ar,
E correrem tanto, tanto?»



Seria a lua, a chorar?!
Como era grande o seu pranto!
E então, ficando a pensar,

O Bébé pergunta em vão:
— «Não foi a lua a chorar...
Mas o que seria, então?»

PERGUNTAS DE BÉBÉ



HA dias, não sei porquê,
Bébé pôs-se a cogitar:
— «Porque a lua, que ele vê,
Dá assim tanto luar?!
Está no céu. Mas, então,
Vê-se a lua e não se vê
Nosso Senhor? Porque é?!»

Foi perguntar ao Papá,
A' Mamã e à madrinha,
Mas todos lhe dizem: — Vá
Tratar da sua vidinha!

Ele, então, fica a cismar...
E em sua imaginação
Vê pelo céu, pelo ar,
Os anjinhos a brincar
Com a lua, alto balão!

MONTANHA MARAVILHOSA

É o título da linda novela infantil, que ROSA SILVESTRE escreveu, expressamente, para os pequeninos, e que «Editorial-Século» pôs à venda, com magníficas ilustrações de Roberto de Araújo, ao preço de 5 ESCUDOS cada volume.

Os piratas do Galeão

"SAINT NAZAIRE"

TEXTO DE ZÉ DA VILA — BONECOS DE QUIM

NOS fins do Século XVII, os mares estavam infestados de corsários, também designados por flibusteiros ou piratas. Inimigos terríveis e perseguidores ferozes da navegação mercante, eles eram o flagelo dos oceanos.

No princípio do Século XVIII, saiu de França para o Brasil uma armada de corsários, comandada por Duguay-Trouin, homem terrível que grandes estragos causou nas armadas inglesa e espanhola. Conta-se que, conversando ele um dia com Luiz XIV, dissera ao rei de França: — «Ordenei a glória que me seguisse» — «Ela foi-te fiel» — ter-lhe-ia respondido o monarca.

Em 7 de Julho de 1711, partiu o perigoso corsário de França, para se apossar do Rio de Janeiro e libertar 700 franceses. Durante a viagem, na costa de Portugal, um dos seus navios, o galeão «Saint Nazaire», afastou-se da armada e já não pôde reunir-se a ela. A sua tripulação resolvera, por isso, regressar a França. Os ventos contrários, porém, impeliram o barco para a costa. Certa noite, a poucas milhas duma praia nortenha, os piratas encontraram um barco de pesca português, o «Menino

peça de ouro: — «Guarda esta moeda para comprar brinquedos quando chegares a França.» — disse-lhe o capitão a rir.

Pedrinho, que não percebia palavra da arrevesada língua, guardou a peça que lhe estendiam e retirou-se para a câmara, a fim de fazer a limpeza, serviço que os piratas lhe haviam destinado.

Passaram-se meses no mar, sempre com ventos contrários que impediam o «Saint Nazaire» de aportar a terras francesas.

Pedrinho conhecia já a língua dos corsários. Aprendera-a com o mais velho pirata do galeão, que lhe dedicava alguma estima e que, nos dias em que não surgiam presas, se entretinha a distraí-lo.

A certa altura da demorada navegação, os comestíveis começaram a escassear. Água quasi já não havia, bolachas também não e quanto a carne, apenas umas arrobas que durariam, o máximo, três dias.

Uma noite, depois da ceia, que as circunstâncias obrigaram

a ser frugal, Pedrinho escutou, sem querer, uma conversa. Na câmara, o capitão e restante oficialidade, estudavam a maneira de sair das dificuldades em que se encontravam. Um deles lembrou que se fizesse um desembarque na povoação natal de Pedrinho, onde os pescadores, desarmados, não oporiam resistência e onde, portanto, era fácil arranjar mantimentos. A proposta foi aceite e combinou-se a façanha para a noite seguinte. Pedrinho, ao ouvir o que se planeava, ficou horrorizado. Lá iriam morrer às mãos dos terríveis flibusteiros, o tio Fernando, que lhe fazia os barquinhos de cortiça; a tia Ana que, aos sábados, depois da fornada de pão, lhe dava bôlos quentes; o pai, que era tão seu amigo...

Na noite seguinte, um vento leste fortíssimo e uma chuva persistente, obrigam os piratas a desistir de pôr em prática o seu plano. Aprasou-se que ele ficasse para a outra noite. Pedrinho, atento a todas as manobras que se faziam a bordo, não se deitou. Os corsários, por volta da meia noite, recolheram aos seus beliches e adormeceram. Na tolda, além de Pedrinho, que se ocultava entre o cordame, apenas estava um vigia à proa, que adormeceu pouco depois da tripulação se recolher, e, à popa, sobre o chapiteu, o timoneiro que governava o navio.

A criança subiu para junto do homem do leme e conversaram ambos acerca da falta de víveres e da tempestada que re-

rudescia de intensidade. A certa altura, Pedrinho teve uma ideia. — E se adormecesse o pirata? — Isso facilitaria o plano que tinha projectado pôr em execução.

— Sabes alguma história de fadas? — perguntou ao timoneiro. — Sei histórias mas não são de fadas. Podia contar-te algumas mas o seu realismo com certeza aborrecer-te-ia. São histórias de homens...

— Vou, então, ensinar-te uma que me contou a prima Joana. E Pedrinho começou a fazer uma disparatada narrativa e tão aborrecida que, daí a pouco, o pirata, esquecido da grande responsabilidade da sua função, caiu em profundo sono.

A criança, conseguido o seu fim, encaminhou-se para o cofre dos cintos de salvação e envergou dois deles, depois lançou mão do leme, aprofundando o barco à terra.

Quando aos primeiros pronunciados do dia enxergou o recorte rochoso da costa, atou o leme em direcção à praia e lançou-se ao mar. Impellido pela ventania, o navio corsário, daí a pouco, sem que os seus perigosos tripulantes dessem por isso, foi estilhaçar-se, com um fragor espantoso, de encontro aos recifes. O



do Mar», que era tripulado pelo seu dono e por um filho de 12 anos, o «Pedrinho», como lhe chamavam no povoado. Os corsários, por espírito de malvades, apressaram o barquito e apressaram-se de Pedrinho, de nada valendo as lágrimas e rogos do pobre pai. A este, depois de o molestarem com feias palavras, deixaram ir embora com o seu barco. Pedrinho implorara aos piratas que o restituíssem ao seu progenitor, mas os terríveis marinheiros não se apiedaram da infeliz criança e levaram-na a bordo.

Na manhã seguinte, o «Saint Nazaire», que aproara ao oceano, abordeou uma nau portuguesa que vinha do Brasil e, após uma luta sangrenta, apossou-se do seu recheio, finto o que, e depois de chacinada a tripulação, foi incendiado o navio.

Pedrinho, que, aterrorizado, assistira à medonha cena, instintivamente e apesar de muito menino, jurou vingar a morte dos seus compatriotas.

Os piratas, após a carnificina, o roubo e o incêndio e finto o balanço da rica presa, chamaram a criança e deram-lhe uma



«Saint Nazaire» e os seus flibusteiros tinham deixado de existir. Alarmados com o estrondo, os pescadores saíram de suas casas, aterrorizados, e dirigiram-se para a praia. Procuraram, fizeram pesquisas e, por entre alegria indescritível, viram o pobre Pedrinho, já próximo da terra a lutar com as ondas. Seu pai e mais meia dúzia de pescadores, decididos, atiraram-se ao mar e conseguiram trazer para terra a pobre criança que estava quasi desfalecida. Souberam, depois, pela boca do pequeno, o que ocorrera. A fama do acto chegou a capital do país e D. João V, para recompensar a coragem de Pedrinho e em atenção ao inestimável serviço prestado aos marinheiros pacíficos, nomeou-o capitão duma nau. Pedrinho, ao abandonar a sua humilde terra, para tomar o comando dum belo navio, convocou os pescadores mais velhos para uma grande festa. Durante ela, chamou o tio Fernando, que era o decano dos pescadores e, depois de o ter abraçado e beijado, entregou-lhe a peça de ouro que lhe haviam dado os piratas.

— «Toma esta moeda — disse — E para pagar os barquinhos de cortiça que me fizeste quando eu era muito menino».

F I M



SECÇÃO QUINZENAL PARA MENINAS

QUERIDAS DISCIPULAS:
Qual de vós não possuirá um cestinho da costura, onde junte retalhinhos e lindos trapalhões para as roupas da boneca? Mas, às vezes, quantas atrapalhções, quantas dificuldades não surgem sem saber como aproveitá-los!

Pois a Abelha Mestre começa hoje a auxiliar as simpáticas leitoras do *Pim-Pam-Pum* dando-lhes uns modelos simples e graciosos, próprios para serem executados por mãos pequeninas que assim, a pouco e pouco, se hão-de ir transformando em mãos habilidosas. Começaremos pela espureta da boneca, mas vamos de vagarinho; só um modelo de cada vez!

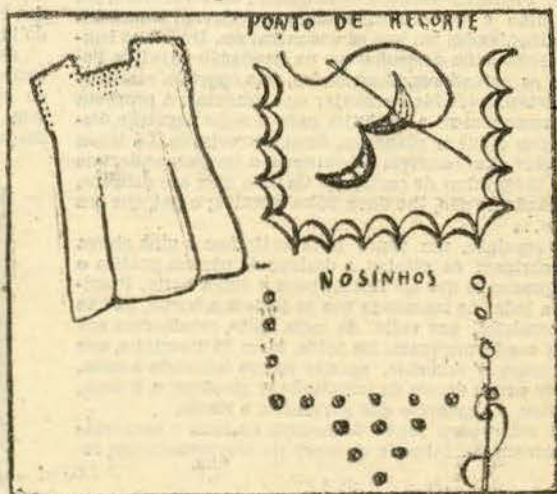
Apresento-vos, hoje, a camisinha bordada a recorte e nósinhos.

Será esta a minha primeira lição.

Lamento que a falta de espaço não me permita dar-vos os moldes, mas reparai bem no modelo e vereis que o seu corte é fácil.

Primeiramente, tiram-se as medidas do comprimento e largura com que ela há-de ficar. Depois dobra-se o pano em quatro partes e dá-se o corte do pescoço em quadrado; marca-se a largura da manga e dela até à bainha enfiusa-se ligeiramente. Abre-se, então, a peça já talhada e à beira do decote e mangas aplica-se o recorte e em cada recorte um nósinho.

Para fazer o recorte, passam-se, primeiro, duas linhas com ponto de alinhava, seguindo o contorno e, depois, executa-se como mostra a gravura, tendo o cuidado de fazer os pontos regulares e bem alinhavados. Para fazer os nósinhos dá-se, primeiro, um pequeno ponto, aperta-se a linha entre o polegar e indicador esquerdos, puxando-a bem e enrola-se 3 ou 4 vezes à roda da agulha; espeta-se



esta para baixo, segurando sempre a linha; depois puxa-se com cuidado, segurando-a o mais tempo possível com a mão esquerda. Tereis, assim, feito um nósinho.

E, com um grande abraço de maior simpatia para as suas pequeninas discipulas, termina hoje esta lição a vossa amiguinha

ABELHA MESTRA

RESPEITEMOS OS VELHINHOS

NOS tempos mais remotos da Grécia, eram os velhos tidos em tão grande estima, que tinham direito aos primeiros lugares nas assembleias nacionais e nunca era permitido aos rapazes questionar com eles.

Na célebre república de Esparta, a lei obrigava os rapazes a cederem o passo a um velho, fôsse onde fôsse, a levantar-se, quando ele chegava, a calar-se, quando ele falava, e a escutá-lo, com respeitosa atenção.

Entre os antigos romanos, não se tributavam tantas honras ao nascimento e á fortuna como á idade.

Os velhos eram, por eles, considerados como semi-deuses.

Eis um exemplo do respeito que os espartanos tributavam aos velhos;

— Procurando, certo ateniense, já idoso, lugar entre numerosa assistência, aconteceu que alguns rapazes de Atenas lhe fizeram sinal para que fôsse sentar-se entre eles, começando a ridicularisá-lo logo que ele se aproximou.

O velho dirigiu-se, então, para o lado onde estavam os espartanos, que, fiéis ao santo costume do seu país, se levantaram, com modéstia, reservando-lhe o melhor lugar.

Então, os mesmos atenienses que tinham zombado dele, cheios de admiração pelos espartanos, fizeram ressoar, por toda a parte, os mais, vivos aplausos.

O velho, com as lágrimas nos olhos, exclamou: — Os atenienses conhecem o dever dos homens bem educados mas os espartanos sabem pô-lo em prática.

CHARADAS EM FRASE

PARA OS MENINOS COLORIREM

Este homem que chegou aqui, regresso duma linda terra portuguesa, 1-1-1

O baldo desta ovelha junto à pedra do moinho, semelha o ruído deste ribeiro e fica em nossa lembrança, 1-1-2

A minha parente tem verdadeira queda para chefe de estação, 2-2

Esta máquina de adornar madeira é movida com a solicitude duma parte do pé, 2-2

Com este nome e este apelido se assina este homem, 2-2

Esta mulher soeitra este livro de literatura até mesmo doente, 1-2

Decifração das anteriores: 1—Livraria, 2—Inovador, 3—Doutrinário, 4—Vigorosa, 5—Anacrônica, 6—Corruptio, 7—Simpatia.



ADIVINHA



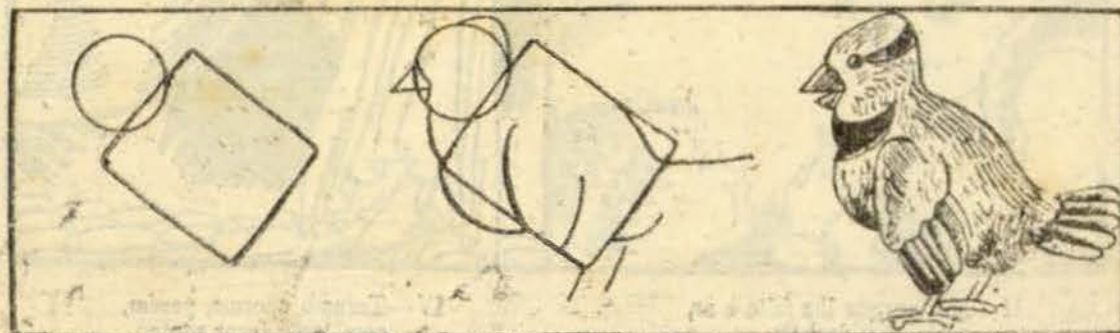
Meus mentos: — Este sujeito gosta de andar em cabelo mas tem um irmão que o não imita, e anda sempre com chapéu. Vejam se descobrem este último.

Charadas combinadas

- | | | |
|--------------------------------|--------------------------------|--------------------------------|
| + la — Pequeno barco | + mo — Fim | + pa — Pedraço de pano |
| + la — Pano de navio | + o — Curso d'água | + pa — Abelha |
| + co — Pedraço | + co — Pedraço | + to — Estragado |
| Conceito: — Utensílio de loiza | Conceito: — Utensílio de loiza | Conceito: — Utensílio de loiza |
| + go — Incêndio | + to — Fritura | + no — Toio |
| + to — Animal doméstico | + ro — Estravagante | + po — Estragado |
| + no — País | + xa — Legado | + xa — Legado |
| + ta — Rumo | + to — Animal roedor | + to — Animal roedor |
| Conceito: — Utensílio de barro | Conceito: — Utensílio de barro | Conceito: — Utensílio de barro |
| + to — cobertura | + to — Veio | + la — Fila |
| + l — Paridade alemão | + na — Arbusto seco | + as — Terra batida |
| Conceito: — Utensílio de ferro | Conceito: — Utensílio de metal | Conceito: — Utensílio de ouro |
| + la — Goma | + ra — Vaso para flores | + ma — Leite |
| + te — Vasilha | + ta — Rumo | + ta — rei |
| Conceito: — Utensílio de vidro | Conceito: — Utensílio de vidro | Conceito: — Utensílio de vidro |

Decifração das anteriores: 1—Cervejaria, 2—Escritório, 3—Chapolaria, 4—Ornamento, 5—Canivete, 6—Cabeleira, 7—Café, 8—Leite, 9—Licor.

LIÇÃO DE DESENHO

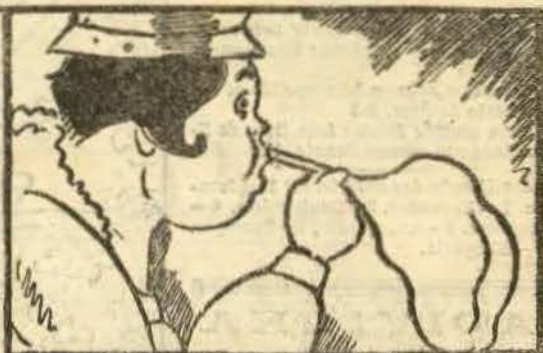


Como se desenha um papagaio

ABENÇOADO ESFORÇO!...



I — O pequenino João, ao lado da mãe querida, senhora muito hurrída, tenta encher o seu balão.



III — Dona Pulquéria, a mamã, porque adora o seu filhinho, logo sopra o balãozinho, com um solícito afan.



II — Mas porque lhe falte o ar, acaba por desistir, ou, melhor, por lhe pedir o favor dela assoprar.



IV — Torna-o enorme, porém, com tanto furor soprou que, por fim, a gorda mãe como estão vendo ficou,